

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

ANDRÉA DO NASCIMENTO SENA

**GÊNERO, SEXUALIDADE E MÍDIA:
O QUE SE APRENDE NOS PROGRAMAS INFANTIS?**

MARINGÁ/PR

2011

ANDRÉA DO NASCIMENTO SENA

**GÊNERO, SEXUALIDADE E MÍDIA:
O QUE SE APRENDE NOS PROGRAMAS INFANTIS?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia da
Universidade Estadual de Maringá.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliane Rose Maio

MARINGÁ/PR

2011

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho às pessoas que são essenciais em minha vida.

Primeiramente, agradeço a Deus por sempre me guiar e estar iluminando meu caminho.

Em especial ao meu esposo, Magno Turci dos Santos, por sua dedicação e por nunca desistir e nem desacreditar em mim nos momentos cruciais de minha caminhada.

Aos meus pais, Maria Aparecida da Silva Sena e Valmir do Nascimento Sena, pelo incentivo, carinho e amor dedicados.

A meus irmãos, sobrinhos e sogros por todo incentivo ao longo dessa jornada.

À minha querida amiga e irmã, Renata R. Rocha de Oliveira, que é minha amiga e companheira em todos os momentos bons e ruins. Por ser companheira, pelas conversas e risadas nessa caminhada, que me ajudou a superar as dificuldades e a encarar a vida.

À professora orientadora e amiga Dr^a. Eliane Rose Maio, pelos conselhos e palavras de incentivo no decorrer dessa jornada; que não somente me orientou, mas caminhou junto. Por todo apoio, pela confiança e por ter acreditado em mim ao longo desse processo. Agradeço por todo o aprendizado que não teria, se não fosse a sua entrada na minha vida.

GÊNERO, SEXUALIDADE E MÍDIA: O QUE SE APRENDE NOS PROGRAMAS INFANTIS?

Andréa do Nascimento Sena*

Dra. Eliane Rose Maio**

RESUMO

Este trabalho é fruto de muitas inquietações sobre as discussões da temática sexualidade e gênero nos cursos de formação docente. O objetivo geral desta pesquisa, é analisar e investigar os aspectos de gênero e sexualidade contidos na programação televisiva direcionada ao público infantil. Portanto a pesquisa foi realizada por meio de uma investigação bibliográfica e por meio de uma análise produzida na programação de férias escolares de duas grandes emissoras o SBT e a Rede Globo, em especial as programações direcionadas ao público infantil. A temática foi escolhida por tratar de um assunto considerado polêmico, atual e pouco estudado, principalmente na área da educação. O assunto ainda reserva muitos preconceitos e tabus, o que o torna um tema relevante para a realização de uma pesquisa científica. Para tanto, apoiou-se na perspectiva dos Estudos Culturais e dos Estudos Feministas, sobre a construção do conceito de infância e estudos direcionados às questões de gênero e de sexualidade infantil, para se apresentar a necessidade de se trabalhar assuntos atuais como este, nos cursos de formação docente, principalmente o de Pedagogia.

Palavras-chave: Gênero e sexualidade. TV. Escolas. Formação docente.

ABSTRACT

This work is the fruit of many concerns about the discussions of sexuality and gender theme in teacher training courses. The objective of this research is to examine and investigate aspects of gender and sexuality contained in television programming directed to children. So the research was conducted through a literature search and through an analysis of programming produced in the school holidays two major broadcasters the SBT and Globo, especially programming directed to children. The theme was chosen because it is a controversial subject in question, current and little studied, especially in education. The subject is still full of prejudices and taboos, which makes a theme relevant to the conduct of scientific research. To this end, leaned from the perspective of cultural studies and feminist studies on the construction of the concept of childhood and studies addressing issues of gender and of infantile sexuality, the need to present current issues of working like this, the courses teacher training, particularly of Education.

Key-words: Gender and sexuality. TV. Schools. Teacher training.

*Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (UEM) – Trabalho de Conclusão de Curso, 2011.

** Orientadora. Psicóloga, Professora Doutora do Departamento de Teoria e Prática da Educação – UEM.

INTRODUÇÃO

Pode-se constatar por intermédio de observações promovidas no meio infantil que as crianças são um público de TV cativo, pois as mesmas são fascinadas pela televisão que lhes conta histórias e ainda oferece diversos tipos de imagens de diferentes mundos que, de outra forma, jamais veriam ou sequer teriam contato.

Alguns estudiosos sobre a infância, tais como Postman (1999), Steinberg e Kincheloe (2001) apontam diversos fatores que determinam a grande exposição das crianças ao mundo midiático. Alguns destes apontamentos giram em torno do aumento da violência urbana, que pode contar, dentre muitos fatores, com a permanência das crianças por mais tempo dentro de casa e da inserção das mães no mercado de trabalho. Isto ocasiona o não acompanhamento da rotina de seus próprios filhos, diferentemente de tempos anteriores, como também a permanência da criança sozinha em casa, o que permite o fácil acesso a este meio de comunicação.

Considerando que a maioria das crianças contemporâneas passa a maior parte do tempo imersas na cultura televisiva denota-se que a TV, com seus múltiplos artefatos midiáticos, exerce grande influência sobre a cultura destas crianças. Evidencia-se e confirma-se por meio das observações promovidas em contato com este tipo de “cultura audiovisual”, que estes artefatos se veiculam de forma a afetar a construção da cultura e da identidade infantil, especialmente em relação às questões de gênero e da sexualidade. Nesse aspecto, considera-se que as crianças estão em contato direto e diário com a TV – seja em casa, nas ruas ou até mesmo nas instituições de ensino –, culminando na indução das crianças, não somente ao consumo, bem como na interiorização de comportamentos, hábitos e atitudes sociais existentes e vinculados pelos aparatos midiáticos.

O respaldo teórico deste trabalho está pautado em estudiosos como Momo e Neuls (2008) que salientam que a produção dos corpos infantis, assim como suas atitudes, são cada vez mais ditados por esta “cultura em circulação”, sendo que é neste enfoque que as instituições de ensino aparecem, como locais em que as crianças passam a maior parte do tempo e estas são consideradas verdadeiros palcos para exibição dos corpos e atitudes transformados por este tipo de mídia.

Para Groebel e Merlo-Flores (2000; 2002, 2003 *apud* ESPERANÇA e SOBRALDIAS, 2007), estudos interessados em compreender as formas de acesso e os usos das tecnologias de informação e de comunicação na infância, têm mostrado que, embora o campo da informática apresente uma gradativa expansão, a TV continua sendo o mais importante

elemento formador de conceitos, práticas e valores, devido ao papel que a mesma desempenha no processo de desenvolvimento da educação da criança.

Considerando o quadro, é necessário considerar que

[...] pesquisas conduzidas em diferentes partes do mundo também assinalam as aprendizagens construídas pelas crianças, através dos materiais televisivos a que elas têm acesso, o que permite constatar que a mídia televisiva excede os limites do entretenimento, e se constitui em um importante elemento formador, devido ao papel que desempenha no processo de educação das crianças (GIROUX, 2001 *apud* ESPERANÇA; SOBRAL-DIAS, 2007, p.192).

No entanto, por intermédio da análise de artigos pertinentes ao tema, evidencia-se que a mídia televisiva atrelada às questões de gênero e sexualidade são pouco difundidas no meio institucional e nos cursos de formação docente, apesar das inúmeras tentativas de algumas estudiosas tais como: Ruth Sabat (2007), Rosângela Soares (2007), Rosiméri Aquino da Silva (2007), Jane Felipe, Bianca Salazar Guzzo, Sandra dos Santos Andrade (2007), Joice Araújo Esperança e Cleuza Maria Sobral Dias (2008), entre outras, em abordar a questão. Desta forma, ainda há resistência, nota-se que assim sendo a escola acaba reforçando cada vez mais preconceitos e tabus que norteiam esta temática. A respeito disso, Louro (1999, p.17 *apud* FELIPE; GUZZO, 2007, p.38) afirma que “[...] a escola pratica a pedagogia da sexualidade, o disciplinamento dos corpos. Tal pedagogia é muitas vezes sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre, eficiente e duradoura.”.

Tal temática foi escolhida por tratar de um assunto considerado polêmico, atual e pouco estudado, principalmente na área da educação. O assunto ainda reserva muitos preconceitos e tabus, o que o torna um tema relevante para a realização de uma pesquisa científica. Pensando neste viés, este trabalho tem como principal objetivo analisar os aspectos de gênero e sexualidade contidos na programação televisiva direcionada ao público infantil, evidenciando algumas das transformações pós-modernas¹, às quais a figura infantil, assim como sua cultura, tem sofrido ao longo de sua construção histórica. Cabe ressaltar, em especial, as questões de gênero e sexualidade existentes nas mesmas, com intuito de apresentar e possibilitar um novo olhar para estas, como sendo este um mecanismo de produção de identidades, de valores, de conceitos, de significados, de modos de pensar, de agir, de sentir e de desejar.

1 Lima (2004) considera que, para que possamos compreender o termo, transformações pós-modernas, devemos primeiramente entender o que é “pós-modernismo”, que significava “a perda da historicidade e o fim da “grande narrativa” - o que no campo estético significou o fim de uma tradição de mudança e ruptura, o apagamento da fronteira entre alta cultura e da cultura de massa e a prática da apropriação e da citação de obras do passado”. (LIMA, 2004 ,p.1).

A justificativa desta pesquisa dá-se por meio das idéias expostas por Esperança e Sobral-Dias (2007), devido ao esclarecimento de que, por meio do grande tempo que as crianças ficam expostas diante da televisão, é praticamente impossível que elas não sejam influenciadas de alguma forma. Essa influência ocorre por meio de comportamentos, de linguagens, de modos de vestir, de assuntos discutidos ou dos próprios brinquedos utilizados, que ganham formas reais dos personagens apresentados na programação. Outro foco de análise apontado pelas autoras é a respeito do conteúdo que costuma prevalecer na programação destinada ao público infantil, as animações ou os desenhos animados, que para Esperança e Sobral Dias geram muitas preocupações dos estudiosos, justamente por serem o espaço do fantasioso.

A escola entra em cena neste enfoque como um verdadeiro palco para apresentação dos corpos infantis erotizados² e transformados pela mídia. E foi em torno desta problemática colocada em questão, destacando a formação docente, pois a maioria dos educadores, e também pais, não está preparada para lidar com este tipo de situação e, por sua vez, acabam reforçando ainda mais conceitos considerados errôneos em torno desta sexualidade distorcida. Isto é, conforme Andrade (2004, p.108) expõe que “[...] mesmo quando não se fala na escola sobre determinado assunto, este silêncio já se configura como um modo de dizer do que pensamos sobre ele; ou seja, o silêncio também educa”.

Com este trabalho, avalia-se a programação destinada ao público infantil no período de férias escolares. Portanto, a pesquisa procedeu-se da seguinte forma: a escolha aleatória de dois programas infantis, em três manhãs em que a programação é totalmente voltada ao público infantil. Para esta análise, avaliaram-se apenas as emissoras de maior audiência durante o período: a Rede Globo e o Sistema Brasileiro de Televisão – SBT. Quanto aos critérios desta análise, se detiveram no tempo de exibição de cada programação, assim como nos tipos dos programas, as características dos apresentadores, propagandas produzidas fora do horário dos programas (*merchandising*³). Por fim, como principal eixo da pesquisa, se o

2 Felipe e Guzzo (2003) salientam que, o corpo infantil vem sendo alvo de grandes investimentos, principalmente pelos veículos de comunicação em massa, com isto as crianças passaram a ser vistas como pequenos consumidores e também como “veículo de consumo”, seus corpos passaram a ser alvo de apelos comerciais, tornando a criança um objeto a ser apreciado, desejado, exaltado pela sociedade, ou seja, os corpos infantis estão sendo cada vez mais erotizados. (FELIPE; GUZZO, 2003, p. 124)

3 O *merchandising* advém da palavra *merchandise* (palavra inglesa) que significa mercadoria, ou seja, o mesmo que “promover” um produto a ser consumido, normalmente este tipo de propaganda é realizada durante um momento, ou em um ponto estratégico. Este tipo de divulgação de produtos vem sendo utilizado cada vez mais pelos grandes varejistas e grupos de produtos de consumo. Gerentes de *marketing*, Diretores de empresas, e Agências de comunicação, vêm no *merchandising* a grande oportunidade de atingir com eficácia o seu público alvo. (BACK, S/d).

conteúdo apresenta condutas de gênero e de sexualidade passíveis de educarem os corpos infantis.

Considerando este quadro, percebe-se que este tipo de mídia, a televisiva, justifica a sua concepção como sendo um “artefato cultural”⁴, ou então, uma “cultura em circulação”⁵. Nesse aspecto, apresentaram-se algumas evidências inseridas em alguns programas, propagandas e desenhos que, de fato, constataam a existência de padrões normatizadores de feminilidade e masculinidade, além de condutas sexuais tidas como erotizantes. Logo, passíveis de educar sujeitos (ESPERANÇA; SOBRAL-DIAS, 2007).

Apesar de inúmeros estudos direcionados à temática gênero e sexualidade infantil, muitas autoras, como Felipe e Guzzo (2003), Louro (2007), Esperança e Sobral-Dias (2007) entre outras, consideram a devida importância da problematização de questões como estas nos cursos de formação docente, inclusive os de Pedagogia. No entanto, nota-se que assuntos como este ainda são tratados com muita dificuldade no ambiente escolar, mesmo considerando que o trabalho educacional na área da sexualidade seja respaldado por documentos que norteiam a educação, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), de 1ª a 4ª série. Em específico o capítulo que é nomeado como “Orientação Sexual”, que está contido no último livro – nº 10, trazendo em sua apresentação que “[...] busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano” (BRASIL, 1997, p.107).

Para que se possa remeter às questões ligadas às transformações pós-modernas, dentre as quais a figura infantil que tem sofrido ao longo dos anos, deve-se levar em consideração alguns aspectos que norteiam a história da infância. Deste modo, o estudo do processo da Educação Infantil não pode deixar de discutir o processo histórico pelo qual a concepção da infância tem passado ao longo de sua construção, destacando Jean Jacques Rousseau, Phillippe Ariès e Postman, que foram os autores mais significativos para a formação do conceito infantil que perdura na sociedade atual. Destacando o trabalho de Rousseau, como o principal autor que contribuiu com sua temática para a desmistificação do conceito “adulto em miniatura” (BARBOSA; AGUIAR, 2007).

4 Na perspectiva de Sabat (2001) o termo “artefato cultural”, é tido como um conjunto de representações capazes de educar e governar sujeitos, assim como regular condutas. Estas representações não trazem somente marcas, como também subjetivas, envolvendo ética, sentimentos e qualidades pessoais.

5 Entendemos, neste trabalho, o discurso sobre “cultura em circulação, baseando nas perspectivas dos Estudos Culturais produzidos por Steinberg e Kincheloe (2001) os quais evidenciam que, esta é tida como um conjunto de corporações produtoras de cultura infantil, um exemplo desta produção cultural é o papel que a mídia e seus múltiplos aparatos midiáticos exercem sobre a figura infantil e sua cultura.

Pensando neste viés, Steinberg e Kincheloe (2001, p.33), também fundamentam os estudos relacionados à problemática “[...] o acesso infantil ao mundo adulto através da hiper-realidade da mídia eletrônica subverteu a consciência das crianças contemporâneas, que se transformam em seres dependentes e incompetentes”, os autores apontam que isto se deu na sociedade devido ao acesso da criança às novas tecnologias, como a internet e, principalmente, pelos meios de comunicação em massa.

Por conseguinte, para o entendimento dos estudos sobre as interferências em relação às questões de gênero e de sexualidade em que a mídia exerce sobre a figura infantil é necessário esclarecer alguns termos, como sexualidade e gênero. Para tanto, o presente estudo apóia-se nos Estudos Feministas para esclarecer ambos os termos.

Conforme ideias apontadas por Weeks (2007 *apud* FELIPE; GUZZO, 2003), a sexualidade define-se como algo que é construído ao longo da vida, sendo esta marcada por aspectos, não somente físicos e biológicos, mas também históricos, culturais e políticos. Ainda a respeito da sexualidade, os PCN explicam a sexualidade como um fator constituído pela “[...] história, cultura, ciência, assim como afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito” (BRASIL, 1997, p.117).

Com relação ao conceito de gênero, esse está diretamente ligado à sexualidade humana. Nesse aspecto, cabe evidenciar que “[...] o conceito gênero, por sua vez, surgiu para contrapor à ideia de uma essência (masculina ou feminina) natural, universal e imutável, enfatizando os processos de construção ou formação histórica, linguística e socialmente determinadas” (FELIPE, GUZZO, 2003, p.121).

Considerando os aspectos abordados até o presente momento, está evidente o possível “desaparecimento da infância” contemporânea, devido ao fácil acesso infantil a todos os meios de comunicação e produtos que exploram as questões de gênero e sexualidade infantil. Pesquisas como as produzidas por Pereira *et all.* (2007, p.1) comprovam que

[...] a televisão está presente na maioria dos lares, independente das classes sociais, a qual sua mensagem terá diferentes significados culturais, de acordo com a realidade de cada um. Estando as crianças expostas diariamente àquela abundância de produtos ofertados pela mídia, as camadas populares têm de lidar constantemente com o contraste, entre seus desejos e sua realidade. Se considerarmos uma criança de família menos favorecida economicamente que sabe que será praticamente impossível a realização dos seus desejos, então é previsível que essa realidade gere significados específicos, trazendo a realidade estampada no seu dia a dia, obrigando-as a refletirem sobre tais diferenças (PEREIRA *et all.*, 2007, p.1).

Em relação à possível crise da infância contemporânea, Walkerdine e Felipe (1998, 1999; 2002, 2003 *apud* FELIPE; GUZZO, 2003, p.120) afirmam que “[...] a representação de pureza e ingenuidade, suscitada pelas imagens infantis veiculadas pela mídia, têm sido substituídas por outras extremamente erotizadas, principalmente em relação as meninas”. As autoras completam a colocação salientando que as imagens infantis estão sendo cada vez mais substituídas por imagens erotizadas. Com isto, a imagem da criança progressivamente torna-se alvo de apelos comerciais, o que por sua vez acaba fazendo com que as mesmas sejam descobertas como consumidoras e, ainda, como algo a ser consumido. É interessante ressaltar que este quadro acaba por influenciar na construção da identidade infantil.

Para Andrade (2004, p.107), “[...] o corpo constrói conhecimentos continuamente nas convivências, na relação, na interação com o outro”. Por este motivo, a mídia, em especial os aparatos televisivos, tornam-se um dos artefatos que promovem em grande escala as modificações nos corpos infantis, indicando-lhes modos de ser, de comportar, de vestir e de interpretar as coisas. O ambiente escolar neste enfoque acaba tornando-se um palco para a apresentação desses corpos erotizados e transformados pela mídia, colocando em questão o verdadeiro papel do educador mediante a situação apresentada, ou seja, não há como pensar em educação sem pensar nos 'corpos' presentes na escola, sem refletir em suas 'marcas culturais' e, por fim, sem repensar em sua prática pedagógica.

Por meio da rotina e prática nas escolas, evidencia-se que os corpos e atitudes de crianças e jovens estampam personagens que são direcionados pela mídia, em especial a cultura audiovisual. Esse quadro ainda contribui para mostrar e reforçar as identidades de gênero e sexualidade. Momo e Neuls (2008) realizaram estudos no que diz respeito às questões de gênero vinculadas pelas chamadas “culturas visuais” presentes no contexto escolar, apontando que,

[...] assim como, ao longo do tempo, o corpo vai adquirindo marcas como as de fertilidade, de velhice, de situações específicas como doenças, acidentes ou intervenções cirúrgicas, dentre outras, neles também se inscrevem marcas de gênero (MOMO; NEULS, 2008, p.1).

Desta maneira, o presente trabalho é embasado em alguns Estudos Feministas, como os de Guacira Lopes Louro, uma especialista no assunto. Louro (2007, p.11) defende a ideia de que “as identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, e são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade”, o que remete a crer que são

no âmbito da cultura e da história as definições de todas as identidades sociais. De acordo com esse ponto de vista, muitas vezes professores esquecem que o corpo também aprende e que por meio dele a criança pode expressar muitas verdades, conceitos e marcas. Por este motivo, cabe ao educador trabalhar com tais assuntos, incluindo a temática em projetos e em suas práticas pedagógicas.

Já em termos de consumo e sua atuação nos corpos infantis, Momo e Neuls (2008) investigaram no contexto escolar como os corpos dos alunos, de ambos os sexos, estão cada vez mais sendo 'compostos' por determinados artefatos, produzindo sentidos e colaborando para a construção das identidades de gênero. Dentre estes artefatos, as autoras destacam a televisão, os alimentos, os jogos, brinquedos, etc. Para melhor definir a sua própria pesquisa, as autoras tomaram como base teórica o conceito de consumo definido por Baudrillard e Bauman (1991; 1999 apud MOMO; NEULS, 2008, p.2). Tais autores consideram os corpos dos alunos como “culturas visuais”, cujo conhecimento de consumo de moda articula-se com os padrões de gênero, presentes na sociedade.

Momo e Neuls (2008) reforçam sua tese salientando que meninos utilizam roupas, acessórios e até mesmo atitudes para reforçar a virilidade e a força masculina. Por outro lado, as meninas determinam padrões de beleza e feminilidade. Nesse cenário, a escola constitui-se em um espaço, nos quais alunos e alunas se mostram e se exibem. Nessa situação é possível perceber as mudanças que estão sendo processadas nos conceitos de masculino e feminino. Com estes apontamentos salientam a importância de se promover estudos que envolvam a produção dos corpos escolares e atitudes escolares para “desestabilizar o binarismo masculino/feminino” (MOMO; NEULS, 2008, p.5).

Assim, para poder explicitar as questões de gênero e sexualidade que envolvem a formação docente, a fundamentação parte de algumas bibliografias pertinentes ao tema. Felipe e Guzzo (2003) apontam que compreendamos a importância de problematizar os conceitos de gênero e sexualidade infantil, especialmente nos cursos de formação docente, e nos demais profissionais que atuam diretamente com a Educação Infantil. Isso deve-se ao fato de muitas vezes esses profissionais priorizem assuntos sobre desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo, deixando de lado assuntos como as questões de gênero e sexualidade, que também são considerados importantes no meio educacional e que, de alguma forma, permeiam a infância.

Em relação aos cursos de formação docente, é possível verificar por meio das ideias expostas por Pimenta (2002) que apesar das várias reformulações curriculares positivas obtidas ao longo dos anos, ainda apresentam conteúdos desvinculados da realidade das

escolas. Consequentemente, a autora aponta a necessidade de uma nova reformulação nos currículos dos cursos de formação docente, para ocorrer um processo de formação inicial e contínua, no qual os professores saibam articular e traduzir os novos saberes em novas práticas pedagógicas, que visem a priori problematizar questões que permeiam a realidade do ensino e da prática pedagógica. Com isso podemos ressignificar os processos formativos a partir da reelaboração dos saberes necessários ao exercício docente. Com este exposto, destaca-se a importância de trabalhar os novos processos educativos, como a mídia e as questões de gênero e sexualidade vinculadas por ela, nos cursos de formação docente, principalmente, o curso de Pedagogia.

Imbernón (2006, p.39) discute que “[...] o processo de formação deve dotar os professores de conhecimentos, habilidades e atitudes para desenvolver profissionais reflexivos e investigadores”. Para tanto, salienta-se a necessidade da inserção da temática gênero e sexualidade nos cursos de formação docente, pois temas como estes ainda reservam tabus tanto no meio acadêmico, quanto no meio educacional e, portanto, são poucos discutidos e problematizados neste ambiente.

Por fim, acredita-se que, para que haja a compreensão de todo o processo educativo, deve-se atentar a todos os artefatos educativos presentes na sociedade. A formação do profissional em educação pode não possuir como foco questões como esta, devido à preocupação com aspectos da educação formal, ou seja, a construção do conhecimento científico e historicamente produzido, culminando no esquecimento de que tudo ao redor do educando influencia no seu processo de educação. Nessa problematização, a mídia está inclusa nesta educação como um dos principais fatores educativos, cabe, portanto aos futuros pedagogos saber desvelar o que há por trás destas culturas que circulam na sociedade. Isto é, a educação informal, para que haja a participação do complexo processo de formação do indivíduo. A respeito disso,

Vários os assuntos são discutidos no âmbito escolar, tais como alfabetização, meio ambiente, projetos nas áreas das diversas ciências, exatas, humanas, biológicas etc., porém um dos temas que dificilmente é debatido na escola é a questão de gênero, isto é, como ser homem ou ser mulher em nossa sociedade [...] (MAIO, 2010, p. 205).

Pensando neste viés podemos salientar que, sendo consideradas as diferenças entre homem e mulher características atribuída culturalmente, as mesmas podem modificar-se e

transformar-se ao longo dos tempos, e é neste aspecto que a educação desempenha seu papel, que é de suma importância (MAIO, 2010).

Por conseguinte, aponta-se a necessidade de incluir temas como as questões de gênero e sexualidade nos cursos de formação docente, para que todos os envolvidos no processo educacional se tornem pessoas críticas a ponto de saberem lidar com todos os tipos de manifestações que envolvem a temática.

Para a realização desta pesquisa tornou-se necessário o apoio em uma perspectiva de estudos culturais voltados para a análise do conceito histórico de infância, para verificar as interferências que este tipo de mídia, a televisiva, tem exercido sobre a cultura infantil. Assim, destaca-se como principais autores direcionados aos estudos sobre a construção histórica do conceito infância, sua respectiva cultura e transformações: Neil Postman (1999); Phillipe Ariès (1981), Rousseau (2007) Stheinberg e Kincheloe (2001).

1 - DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Para compreender as questões que envolvem o conceito de infância na atualidade, é necessário o entendimento acerca da categoria “infância”, que passou por um longo processo de construção histórica, social e cultural e não biologicamente determinado. Nessa análise, destaca-se Jean Jacques Rousseau, que foi um dos autores mais significativos para a formação do conceito infantil que perdura em nossa sociedade até a atualidade (SANTOS, 2007).

A partir da leitura de Rousseau pode-se perceber uma nova maneira de conceber a infância, sendo ela caracterizada por suas especificidades. Até então, a criança era considerada um adulto em miniatura, ou seja, era co-partícipe da vida e do cotidiano adulto (BARBOSA; AGUIAR, 2007).

De acordo com Postman (1999), a infância é mais que um período biológico da vida dos indivíduos, sendo um longo período histórico, no qual a sua presença na organização social deu origem a diferentes concepções de infância que, por sua vez, foram marcadas pela forma em que os adultos a tratavam e a percebiam.

Ariès (1991) em sua obra “História social da criança e da família” cita Rousseau como criador do conceito de criança que perdura até a contemporaneidade. Tal conceito salienta a criança como um ser romântico que possui suas especificidades, que necessita de cuidados, destacando educação como algo “natural”. Diante disso, esse ser infantil tão frágil necessita ser educado para não ser corrompido pela sociedade. Historicamente, Ariès (1981)

destaca que o conceito de infância surgiu desde o período do Renascimento e só veio a se firmar no período moderno.

Assim constatamos que o conceito de infância concebido na atualidade passou por um longo processo de construção e elaboração, a partir de inúmeras teorias de diferentes campos do conhecimento. Logo, diversas compreensões acerca da concepção de infância foram se delimitando, considerando as diversas áreas de estudos, tais como a Religião, a Medicina, a Psicologia, a área jurídica, a pedagógica e até mesmo a área da Antropologia e das Ciências Sociais. Desta maneira, o conceito de infância já não mais corresponde a uma categoria estável, 'natural' e homogênea (BUJES, 2002 *apud* FELIPE; GUZZO, 2003).

Seguindo esse ponto de vista, constata-se que existem inúmeras infâncias que sempre estão em processo de transformação. Nesse conceito, os significados da mesma podem variar de acordo com o tempo, a classe social, o gênero e a cultura (FELIPE; GUZZO, 2003).

Atualmente o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Federal nº 8069/90, salienta que a infância é concebida como um período histórico que vai de 0 a 12 anos incompleto, no entanto notamos que a infância mostra cada faixa etária como critério para caracterizar as etapas da vida, fazendo com que percebamos que, a mesma é uma categoria construída historicamente e socialmente (BRASIL, 1990).

Em meados dos séculos XVII e XIX, a infância passou a ser vista e estudada por diferentes campos e teorias do conhecimento. Com isto, foram se delineando na sociedade diversas concepções de infância, de forma que o modo atual de conceito de infância já não corresponde mais “a uma categoria estável”, "natural" e “homogênea” (BUJES, 2002 *apud* FELIPE; GUZZO, 2003, p.121). Desta maneira, a infância deve ser considerada um produto da cultura que se difere de acordo com o tempo, o espaço, o momento histórico, o momento político, econômico e social. O modo como as crianças agem e pensam sobre o que é "ser criança" entra em negociação com os diferentes conceitos, práticas e visões existentes na sociedade, sejam estes vinculados pelos pais, pela política, pelos professores e até mesmo pela mídia televisiva, que é o foco deste estudo (BUCKIGHAM, 2000 *apud* CAPARELLI, 2011).

A respeito disso, Felipe e Guzzo (2003, p.121) salientam que, “existem inúmeras infâncias que estão em constante processo de ressignificação/transformação. Seus significados podem variar de acordo com o tempo, a classe social, o gênero, a cultura em que as crianças estão inseridas”.

Considerando as profundas mudanças às quais a concepção de infância tem passado ao longo de sua construção histórica, tratar-se-á a mídia televisiva como um dos principais fatores que estão contribuindo para o possível “desaparecimento da infância” (POSTMAN,

1999), ou seja, discorrer-se-á sobre os discursos que estão presentes neste tipo de mídia (especialmente nos programas direcionados ao público infantil).

Acredita-se que inúmeras vezes tal mídia televisiva acabou por influenciar na formação de identidades de gênero e de sexo da criança, assim como na construção das culturas infantis. Isso torna possível fazer uma ponte entre a relação mídia televisiva e as culturas infantis, apoiando-se nos chamados Estudos Culturais.

Steinberg e Kincheloe (2001) salientam que, para que possamos compreender as profundas mudanças ocorridas na concepção de infância ao decorrer dos anos, devemos nos atentar em especial à década de 1950, período este no qual as condições sociais, culturais e econômicas da sociedade passaram a se modificar, pois influenciaram fortemente nas transformações ocorridas na própria infância. Os autores enfatizam que, esta reconfiguração social fez com que inúmeros agentes fossem significativos para estas mudanças, dentre eles destacam: a introdução da mulher no mercado de trabalho e a sua conseqüente saída do lar, o aumento do número de divórcios, o desaparecimento de uma rede comunitária de apoio a educação na infância, a recessão econômica, o que acarretou o aumento da jornada de trabalho e o crescente adentramento da mídia na vida diária das crianças. Assim,

[...] a mídia, compreendida como qualquer dispositivo (televisão, propagandas, a livros, revistas etc.) que possa estar relacionado aos processos de construção de idéias, valores e comportamentos, pode ser incluída naquilo que chamamos de Pedagogias Culturais. Ela constantemente veicula discursos que podem produzir efeitos de verdade no comportamento não só das crianças, como também dos adultos, de uma maneira geral (STEINBERG, 1997 *apud* FELIPE e GUZZO, 2003, p.121).

Esperança e Sobral-Dias (2008) argumentam que a televisão na atualidade passou a intermediar as experiências e as relações que as crianças estabelecem com os pares e, também, com os adultos, possibilitando a construção de saberes, ideias, valores, modos de ser, pensar, agir, desejar e, até mesmo, de olhar e de tratar o próprio corpo. Isso acarreta a compreensão das diferenças de gênero, ou seja, “a TV educa as crianças, uma vez que fabrica modos de ser infantil” (DORNELLES, 2005 *apud* ESPERANÇA; SOBRAL-DIAS, 2008, p.193).

Para discorrer acerca das interferências que a mídia televisiva provoca na cultura infantil, toma-se como referencial teórico metodológico as ideias sobre os Estudos Culturais apresentados por Steinberg e Kincheloe (2001), trazendo em sua vertente de estudos a

expressão “Pedagogia Cultural”⁶, a qual incluem nas chamadas “áreas pedagógicas” os lugares aonde o poder é organizado e difundido, tais como: as bibliotecas, a TV, os cinemas, os jornais, as revistas, os brinquedos, dentre outros. Tendo como base esta compreensão, os autores investigam os mais diversos artefatos midiáticos e seus “ensinamentos”, que acabam determinando modos de ser, agir e pensar. Com relação a todas as esferas sociais, estabelecem uma determinação entre o que é tido como “normal” – o certo – em detrimento ao “antiquado” – o errado –, em um panorama marcado pelas questões culturais.

Giroux (2001) problematiza que as mensagens veiculadas pelos aparatos midiáticos, sendo seu foco de estudo os filmes da Disney, são compatíveis com o 'consumismo', não somente o consumo de produtos, mas o consumo de princípios norteadores dessa sociedade, que acabam por ensinar as crianças. Enfatiza ainda que os filmes trazem consigo estereótipos sexuais, de gênero e até mesmo raciais.

De maneira geral e sintética, a visão de infância considerada como um “artefato social e histórico e não uma simples entidade biológica”, apresentada por Steinberg e Kincheloe (2001, p.11), é considerada pós-moderna, pois surgiu com o advento das novas tecnologias e da saturação de informações transmitidas pela mídia, que determinam e reconfiguram toda a sociedade, desde o modo de pensar agir até o de conceber conceitos de ideias e de valores. Além disso, a mídia com seus múltiplos aparatos, veicula discursos que “podem produzir efeitos de verdade no comportamento não só das crianças, como também dos adultos, de uma maneira geral” (FELIPE; GUZZO, 2003, p.121).

Deste modo, acredita-se ser neste aspecto que os programas infantis disseminados pela TV, configuram e estabelecem as identidades de gênero e sexual presentes em nossa sociedade. Assim, Louro (2007, p.11) defende a ideia de que “as identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, sendo moldadas pelas redes de poder de uma sociedade”, o que nos leva a crer que é no âmbito da cultura e da história que são definidas todas as identidades sociais. Já com relação à sexualidade, Louro (2010, p.11) define, que

[...] não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política; o segundo, o fato de que a sexualidade é “apreendida”, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos, ou seja, podemos dizer que a mesma tem sido alvo de grandes especulações e vem sendo posta como tema central de nossas

6 Utilizamos o termo “Pedagogia Cultural” articulando a perspectiva de Estudos Culturais a dos Estudos Feministas, as quais tratadas como locais onde as identidades sociais, e entre elas identidades sexuais e de gênero, são produzidas. Tais como as práticas sociais, são locais os quais são responsáveis pela produção de significados e de relações de poder que, “ao mesmo tempo em que produzem, organizam e regulam idéias e concepções sobre que ações são possíveis e legítimas” (SOARES, 2008, p. 47).

vidas e também tem se mostrado como alvo de fiscalização e controle por parte das escolas, das famílias e até mesmo da mídia.

Conforme observa Weeks (1999 *apud* FELIPE; GUZZO, 2003, p.122), “embora a sexualidade tenha como suporte um corpo biológico, os sentidos que lhes são atribuídos pela sociedade variam de acordo com o contexto histórico, político, cultural”. A respeito das identidades sexuais e de gênero, estas por sua vez são, “portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (LOURO, 2010, p.11).

Com isto, os cursos de formação docente não podem deixar de lado tais questões relevantes. Na contemporaneidade a educação se dá nos mais diversos espaços sociais, sendo a escola apenas um deles e instiga a reflexão sobre o fato de que todos são educados por meio de imagens, filmes, desenhos, textos escritos, propagandas, charges, jornais. Desta maneira, a TV que é o foco de estudo, assim evidencia-se que estes inúmeros artefatos formam diversos tipos de visões de mundo, de cidadania, de gênero e até mesmo de sexualidade.

2 - POR QUE ANALISAR A PROGRAMAÇÃO DESTINADA AO PÚBLICO INFANTIL?

Tomando como base alguns estudos feitos por Ruth Sabat (2007), fundamentados nos aspectos da programação televisiva voltada para o público infantil, que justificam a sua concepção como sendo um “artefato cultural” que possui uma Pedagogia voltada a ensinar procedimentos, regular condutas, direcionar desejos e comportamentos. Nesse aspecto, possibilitando a criação de um olhar crítico voltado para este tipo de mídia, percebendo-a como um mecanismo de produção de identidades de gênero e sexual. Para tanto, elaborou-se uma análise voltada a modelos normatizantes de feminilidade e de masculinidade, passíveis de educar sujeitos (SABAT, 2007).

Com relação ao fácil acesso às tecnologias de informação e comunicação

[...] no cotidiano das crianças alterou as formas de socialização e de acesso ao conhecimento por parte das crianças. Essas tecnologias têm se constituído em espaços de aprendizagem, através dos quais as crianças aprendem sobre modos de ser e sobre estilos de vida, desejáveis do ponto de vista da publicidade e do entretenimento (ESPERANÇA, SOBRAL DIAS, 2008, p. 192).

De acordo com essa concepção, a TV é um importante elemento formador, devido ao papel que desempenha na educação das crianças, o que a coloca como condição de uma “Pedagogia Cultural” (ESPERANÇA; SOBRAL-DIAS, 2008).

A respeito disso, Giroux e McLaren (1995 *apud* SABAT, 2007, p.150) salientam que, as chamadas Pedagogias Culturais “são formas de ensinar através das quais significados sociais são construídos e reproduzidos”.

Comprovando esse mesmo pensamento, tem-se que

[...] no cenário contemporâneo, muitas relações que as crianças estabelecem com seus pares passaram a ser intermediadas pelas experiências possibilitadas pela comunicação televisiva. O formato homogeneizante da construção de saberes programação infantil permite que crianças de diferentes partes do mundo assistam aos mesmos desenhos animados, aos mesmos personagens criados virtualmente e aos mesmos astros mirins. Além disso, assistem as mesmas campanhas publicitárias de salgadinhos, e roupas, de jogos e brinquedos (ESPERANÇA; SOBRAL-DIAS, 2008, p. 193).

Diante disso, verificou-se que a TV também educa, uma vez que produz modos de ser infantil e que por sua vez, “acabam interferindo nos modos de pensar, sentir e desejar, nas formas de relacionamento que estabelecem com seus pares e com os adultos, na construção de conceitos e valores” (DORNELLES, 2005 *apud* ESPERANÇA; SOBRAL DIAS, 2008, p.193).

Com efeito, existem inúmeros artefatos educativos que têm como principal função 'con/formar sujeitos', moldando-os de acordo com as normas impostas pela sociedade, o que comprova que os educadores, os professores e os interessados em educação não podem e nem devem ignorar o cotidiano dos alunos. Como consequência do fato da criança trazer para a escola elementos que pertencem às mais diferentes instâncias ou pedagogias culturais, assim como a TV, e mais especificamente na programação destinada ao público infantil, que é o veículo de maior abrangência deste público. Estes elementos são passíveis de formar sujeitos e identidades, que ditam maneiras de pensar, de agir, de consumir determinados produtos, informando o que é adequado ou inadequado, que comportamentos são aceitáveis ou não, ou seja, acabam competindo com a educação e o conhecimento transmitido pela escola (SABAT, 2007).

Outro aspecto de notável consideração é a questão da freqüente erotização da figura infantil em imagens de propagandas, tal processo que Felipe e Guzzo (2003) chamam de “pedofilização” da sociedade, merece ser examinado com maior atenção, na medida em que as

crianças têm sido alvo de um forte apelo comercial, sendo descobertas como consumidoras e, ao mesmo tempo, como objetos a serem consumidos”. Contudo, este não é o foco de estudos do presente trabalho, delimitaremos a questão à formação de identidades sexuais e de gênero por meio de programas infantis.

Cabe salientar que pensar em infância na atualidade requer o exame no importante papel que os mais diversos aparatos midiáticos, como a TV, que é o objeto do estudo, e o poder formativo que a mesma com seus artefatos exercem sobre a figura infantil (ESPERANÇA; SOBRAL-DIAS, 2008). Pensando nisto, analisar-se-á a programação televisiva voltada para o público infantil.

3 - A DISCUSSÃO SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO NOS PROGRAMAS INFANTIS

Atualmente pode-se dizer que os programas infantis, bem como os filmes analisados por Sabat (2001), são apenas um dos produtos que compõem a variedade de produtos que formam um “pacote multimídia de consumo cultural, que funciona respeitando a lógica capitalista do mundo globalizado” (SABAT, 2001, p.3). Com efeito, antes de serem somente mecanismos de diversão, considera-se que tais programas podem ser tidos como artefatos que exercem uma determinada Pedagogia Cultural.

Pensando neste viés, buscou-se analisar os programas infantis na mesma perspectiva utilizada por Sabat (2001), considerando os programas infantis como sendo Pedagogias Culturais que constituem identidades de gêneros e sexuais. Sabat (2001) considerou os filmes infantis uma pedagogia cultural

[...] sendo construtora de uma heterossexualidade normativa que produz sujeitos da educação. Frequentemente os filmes infantis produzidos constroem as diferenças de gênero e sexuais de forma “convencional, determinando a construção hierárquica do feminino e do masculino como sendo definitivas e imutáveis (SABAT, 2001, p.3).

A pesquisa deu-se a partir da programação de férias destinada às crianças, nas emissoras abertas ao público e de maior abrangência, a Rede Globo e o SBT. O programa “TV Globinho” da emissora Rede Globo, foi analisado nos dias: 11/01/2011, 12/01/2011 e 13/01/2011. Já o programa Carrossel Animado e Bom Dia e Cia. do SBT, nos dias: 18/01/2011, 20/01/2011 e 24/01/2011.

A programação voltada ao público infantil da emissora Rede Globo inicia-se às 10h40 da manhã, com a chamada “TV Globinho” e tem duração até ao 12h00. O programa tem duração de duas horas, de segunda-feira à sexta-feira e aos sábados inicia-se às 9h44 e dura até às 10h30, logo em seguida houve a seguinte programação direcionada ao público infantil: Turma da Mônica, Hannah Montana e Glee, os quais não foram analisados, pois a nossa análise restringiu-se apenas aos seguintes dias da semana: terça-feira, quarta-feira e quinta-feira.

Nas datas escolhidas para análise, sendo os dias: 11, 12 e 13 de janeiro de 2011, o programa “TV Globinho” apresentou desenhos animados e seriados voltados para crianças e adolescentes. Teve três intervalos de três minutos e, antes de seu início, foi possível observar a indicação de faixa etária recomendada, livre para todas as idades.

Todas as edições da “TV Globinho” analisadas foram apresentadas por um casal de adultos, vestidos como adolescentes: Paulo Mathias Júnior e Flávia Rubim. Além disso, o cenário no qual ambos aparecem é decorado com os personagens de vários desenhos animados, como por exemplo, a turma do Mickey Mouse, do Bob Esponja, Três Espiãs Demais, entre outros. Durante a fala dos apresentadores, não houve propagandas ou *merchandising* de produtos comerciais.

A programação do programa “TV Globinho” foram às mesmas durante os três dias analisados, sendo as seguintes: Bob Esponja, ICarly.com, Aventuras de Mickey e Donald, Gormitis, O Espetacular Homem Aranha e os Simpsons.

Em meio a toda a programação da “TV Globinho” destaca-se o desenho dos Simpsons: o mesmo representa um modelo de família tradicional, no qual há um pai, uma mãe, um filho e duas filhas. A garota mais velha é super inteligente, meiga, educada e simpática. Já o garoto é agitado, mal educado, grosseiro e também não se mostra inteligente. O pai é um homem grosseiro, mal educado que trabalha fora para sustentar a família. A figura feminina da mãe é representada por uma dona de casa que se dedica totalmente ao lar e à família, o tempo todo sempre está atarefada limpando, cozinhando ou educando os filhos.

Em linhas gerais, o que se evidenciou, em suma, neste desenho foi a questão das marcas de gênero, que está evidente em quase todas as atitudes dos personagens. Acerca do assunto

[...] apoiando-se em perspectivas que concebem a cultura como sendo um campo de luta e contestação em que se produzem sentidos múltiplos e nem sempre convergentes de masculinidade e de feminilidade, noções essencialistas, universais e trans-históricas de homem e mulher – no singular – passam a ser consideradas

demasiadamente simplistas e contestadas. Exatamente porque o conceito de gênero enfatiza esta pluralidade e conflitualidade dos processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos, torna-se necessário admitir que isto se expressa pela articulação de gênero com outras “marcas” sociais, tais como classe, raça/etnia, sexualidade, geração, religião, nacionalidade. É necessário admitir também que cada uma dessas articulações produz modificações importantes nas formas pelas quais as feminilidades e as masculinidades são, ou podem ser, vividas e experienciadas por grupos diversos, dentro dos mesmos grupos ou, ainda, pelo menos indivíduos, em diferentes momentos de sua vida (MEYER, 2007, p.17).

O desenho animado *Bob Esponja Calça Quadrada* transmitido pela TV Globo no programa “TV Globinho”, representa as diferentes possibilidades de ser homem e de viver a masculinidade na contemporaneidade. O desenho relata a história de uma esponja de cor amarela que vive no fundo do mar com seus amigos em um lugar chamado “Fenda do Bikini”. A partir da análise dos episódios do desenho, percebeu-se que esse artefato cultural traz uma visão contemporânea das masculinidades, pois não há virilidade, somente há uma masculinidade hegemônica representada pelos personagens Siriguejo e Lula Molusco, por exemplo, mas mostra também uma masculinidade sensível e emotiva como a do Bob Esponja e a do Patrick Estrela. Bob Esponja, assim como Patrick são dois personagens cobertos de inocência em relação a tudo o que acontece a sua volta, são emotivos, infantis e ingênuos se mostrando contrários aos discursos acerca da masculinidade impostos pela sociedade, o que prova que esses discursos são impostos de acordo com o momento histórico, pela cultura e pela sociedade a qual os sujeitos estão inseridos, que para Louro (2010, p.32) “os discursos sobre a sexualidade evidentemente continuam se modificando e multiplicando”. Louro (2010, p. 32) acrescenta que

[...] esses discursos não são, obviamente, absolutos e nem únicos; muito pelo contrário, agora, mais do que antes, outros discursos emergem e buscam se impor; estabelecem-se controvérsias e contestações, afirmam-se, política e publicamente, identidades silenciadas e sexualmente marginalizadas. Aprendemos, todos, em meio a (e com) essas disputas (LOURO, 2010, p. 32).

Pode-se melhor explicar a tese defendida acima se utilizando das palavras de Louro (2010) a qual enfatiza que as práticas acerca da masculinidade carregam tabus acerca da expressão dos sentimentos masculinos, pois estas são postas em nossa sociedade como uma espécie de exaltação da insensibilidade e da dureza, sendo que as relações de amizade são tratadas como camaradagem e lealdade. Entretanto, a troca de confidências e intimidades não são considerados atributos masculinos.

A respeito do seriado *ICarly*, constitui-se numa história de quatro amigos adolescentes Carly, Samantha, Freddie e Spencer – o irmão mais velho de Carly. Estes personagens criaram um *web show*⁷ caseiro que alcançou grande audiência na internet. Vivem aprontando diversas trapalhadas no programa, além de interagirem com o público, os telespectadores podem enviar seus próprios vídeos, podendo ser mostrados durante a programação. Os personagens principais possuem as seguintes características: a Carly é engraçada, delicada, bonita, responsável e criativa; o Spencer é o irmão mais velho de Carly, é engraçado e muito criativo; a Sam é hilária, sarcástica, esfomeada e, ao contrário de Carly, não é feminina e delicada; o Freddie é tido como intelectual e vítima das atrapalhadas da Sam. A característica principal neste seriado é a questão ocorrida em um dos episódios analisados, na qual as personagens ironizam uma mulher que possui um nome que dizem ser do sexo masculino, revelando assim que, “a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos” (MEYER, 2007, p.17).

Comparando-se com a programação oferecida pela Rede Globo, nota-se que o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) dedica-se um maior tempo ao público infantil no período de férias e também no horário matutino. As atrações do SBT iniciam-se com o programa *Carrossel Animado* e tem início a partir das 7 horas e termina às 9 horas da manhã. A primeira parte do programa tem uma hora de duração, sem intervalos comerciais e sem *merchandising*. Nesta primeira parte fazem parte do programa os seguintes desenhos: Os *Flintstones* e dois episódios do *Scooby Doo*.

Os *Flintstones* é um desenho produzido pela *Hanna-Barbera*, no ano de 1960 a 1966. O desenho retrata o cotidiano de duas famílias de classe média da idade da Pedra, que moram na cidade de *Bredock*. Esse desenho animado possui como principais personagens as famílias dos *Fred Flintstones*, composta por Fred, Vilma, a filhinha *Pedrita* e um pequeno dinossauro de estimação chamado *Dino*; e a família de *Barney Rubble*, que é o melhor amigo de Fred, composta por Barney, Betty e seu filhinho adotivo *Bambam*, que possui uma grande força física, o casal ainda possui um tigre dente-de-sabre como animal de estimação. Ambos os pais de família trabalham numa pedreira. Fred possui um carro com rodas de pedra, movido pelos

7 Web show são duas palavras distintas que formam um meio de comunicação composto por séries de episódios lançados na internet ou por telefone celular. Conforme o *Dicionário Aurélio on line* (2011) as duas palavras são definidas como: Show - s.m. (pal. ingl.) Espetáculo teatral ou cinematográfico em que há música dança, coreografia e, geralmente, está montado em torno de. Web - (uéb) sf (ingl) uma variação da sigla WWW (World Wide Web), que é classificado como uma teia de alcance mundial, que interliga documentos através de vínculos de hipertexto.

pés. O desenho apresenta modelos de família heteronormatizantes, ou seja, uma família composta por papai, mamãe e filhinha ou filhinho, cujas mulheres são exímias mães e donas de casa e os homens provedores do lar (SABAT, 2001).

O segundo desenho apresentado no programa foi *Scooby Doo* e sua turma, este é um desenho animado americano produzido também pela *Hanna-Barbera* e criado no ano de 1969. O desenho é constituído por um grupo de quatro adolescentes que se entendem como detetives – Fred, Velma, Daphne e Salsicha – e um cão dinamarquês que fala, chamado Scooby Doo. Os personagens viajam num veículo, do tipo van, chamada Máquina Mistério, ajudando a investigar e a desvendar os casos misteriosos, visitando lugares inesperados e sombrios, tais como: casas mal-assombradas, parques abandonados, pântanos e ilhas; que se encontram ameaçados por fantasmas, múmias, monstros e terríveis vilões. Em todos os episódios, os detetives seguem pistas, fogem dos vilões, muitas vezes, vêm-se perdidos em labirintos, passagens secretas e porões escuros, fazem planos e estratégias para pegar os vilões. No final são alvos dos antagonistas, mas conseguem se salvar e descobrem o mistério da trama, envolvendo sempre o rosto de um personagem inicialmente apresentado a cada novo episódio. Durante cada desenho, o grupo sempre se envolve nas confusões provocadas por Salsicha e *Scooby*.

Com relação ao desenho do *Scooby Doo*, da mesma forma que o desenho do Bob Esponja da emissora Rede Globo, se mostra contrário aos padrões de masculinidade impostos pela sociedade, que são: a virilidade, o heroísmo, a força, a astúcia, a grosseria, a má educação, a tenacidade, a persistência, que possui atitudes violentas e de iniciativa (SABAT, 2007). Frente a essas características, os personagens principais do desenho, *Scooby Doo* e Salsicha, são representados por dois personagens do sexo masculinos que são: fracotes, atrapalhados, educados, covardes, famintos e medrosos.

A segunda parte do programa é apresentada pela menina Maysa e há a presença de um intervalo repleto de propagandas de produtos direcionados ao público infantil, tais como: Mochilas e mochiletes da Pucca e da *Hotwhells*, a nova coleção de sandálias da Moranguinho, além de alguns comerciais direcionados ao público adulto. Durante o programa, o desenho apresentado foi o das fadas *Winxs*. Nesta parte do programa a apresentadora interage com o telespectador, faz brincadeiras e distribui presentes, inclusive faz *merchandising* dos brinquedos distribuídos para os telespectadores. Evidenciou-se que todas as propagandas foram ora direcionadas para os meninos, ora para as meninas. Isso deixa evidente a divisão de gênero, no qual para as meninas os produtos eram com cores frias como o rosa e o branco, sendo de personagens como princesas, bonecas e fadas, ressaltando a beleza, a meiguice e a

feminilidade das garotas. Já os produtos para os meninos eram indicados para aumentar a força, a virilidade e a masculinidade, geralmente apresentavam cores fortes como o azul, o preto e o vermelho, levando personagens normalmente considerados super heróis e vilões.

A respeito do desenho denominado “O Clube das *Winx*”, é um desenho animado italiano criado por Iginio Straffi e produzido pela empresa *Rainbow S.p.A.* O desenho é destinado a crianças entre seis a dezesseis anos de idade e teve uma grande repercussão e acabou criando uma linha internacional de brinquedos, livros, roupas, DVD e filmes. A história de passa em uma escola de mágica, na cidade de Alfea, na qual as fadinhas formaram o chamado Clube das *Winx*, que possui como membros quatro amigas e companheiras de quarto: Stella, Musa, Tecna e Flora. Elas passam a ser amigas dos especialistas: *Brandon, Riven, Timmy, e Sky*; e são inimigas de um trio de bruxas denominadas de *Trix: Icy, Darcy e Stormy*. Os especialistas também se tornam os interesses amorosos das personagens.

Dentre as características físicas, psicológicas e atitudes das personagens do desenho, todas as personagens femininas apresentadas no desenho, incluindo as bruxas más, são garotas lindas, bem vestidas, com um corpo escultural e extremamente sensual. Já a personalidade das fadas, denominadas *Winx*, vai além destas qualidades, são garotas meigas, belas simpáticas, delicadas, andam na moda, são heroínas, inteligentes e que, mesmo em uma batalha contra o mal, conseguem ser sensuais e delicadas. No desenvolvimento desse desenho, as normas vão sendo criadas com a imposição de como as atitudes devem ser, estabelecendo padrões. Isso instiga crianças e adolescentes a seguirem as regras daquilo que é aceito como bonito e normal. Desta maneira, as garotas vão se moldando conforme padrões de convívio social, tais como maneiras de ser, de agir, de se vestir e podendo acarretar inúmeras conseqüências para a vida das crianças que estão expostas a este tipo de desenho. Como conseqüência, a criança pode ser excluída do grupo a qual pertence e até mesmo ser rejeitada pelo garoto dos seus sonhos. Enfim, ditam como jovens garotas devem ser para os meninos (PRATES, 2008).

A segunda programação direcionada ao público infantil do SBT é o programa Bom dia e Cia., com início às 9h e término às 12h45, é apresentado pelos adolescentes Priscilla Alcântara e Yudi Tamashiro. Quanto ao cenário de ambos os programas, tanto do Carrossel, quanto do Bom Dia e Cia., as características mais marcantes são: alguns sapos verdes no palco (chamados de *Greens*), duas roletas que sorteiam os brinquedos de quem vence as provas e os equipamentos necessários para cada brincadeira que conta com a participação do telespectador. Todo o cenário é dividido em cores azul e rosa, reforçando o que pertence a meninos e a meninas, inclusive os prêmios que são sorteados durante a programação, o que

evidencia uma marcante divisão cultural de gênero. Para Louro (2010, p.11) “a inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura”.

Houve vários intervalos durante esta programação e o *merchandising* esteve presente no programa, os apresentadores divulgaram a marca de mochilas e mochiletes da Cestini, bem como o concurso cultural que a marca está promovendo. A marca foi divulgada durante toda a programação, evidenciando as divisões de gênero. Além disso, cada propaganda é de um personagem de desenho animado, hora da Barbie, da Pucca, da Moranguinho para meninas; e outras, do Ben 10, do *Maxx Stell* e da *Hotwhells*, para meninos.

Fazem parte das atrações do Bom Dia e Cia., os seguintes desenhos: *Scooby Doo*; *Ben 10*; *X- Men Evolution* e *As Aventuras de Tom e Jerry*. Todos estes desenhos apresentam cenas de luta e violência, alguns em maior e outros em menor grau, mas o que ficou marcante nestes desenhos em relação às questões de gênero e sexualidade foi à exaltação da masculinidade e da virilidade em alguns personagens do sexo masculino, sempre apresentados como sendo heróis fortes, astutos, grosseiros, mal educado, tenazes, persistentes, violentos e com iniciativa. As mulheres mesmo que heroínas são belas, doces, frágeis, submissas, esbeltas, inteligentes e bem vestidas, sempre em busca dos parceiros ideais, ou seja, estes são modelos hegemônicos de masculinidade e feminilidade que foram sendo adquiridas ao longo do tempo (SABAT, 2007).

Tendo como base os desenhos animados, tem-se que

[...] os diversos usos que as crianças fazem da TV incluem a referência aos desenhos animados e seriados, aos quais todas elas têm acesso, como tema para conversar e brincar, servindo de base para a organização de interações coletivas, inclusive no espaço escolar. Da mesma forma, os significados compartilhados pelo público infantil, por meio do acesso às produções televisivas, possibilitam a construção de saberes e se estendem aos produtos enfatizados nas propagandas, remetendo à análise do consumo como intermediador de relações no cotidiano das crianças (ESPERANÇA; SOBRAL-DIAS, 2008, p.194).

Pensado desse modo pode-se considerar que na atualidade o corpo humano é algo produzido pela cultura, uma necessidade e um desafio. Nesse aspecto, deve-se considerar que o corpo é um construto histórico, algo além da aparência física, um conjunto de acessórios, sentidos, hábitos, atitudes, ética, sentimentos, qualidades pessoais, gestos, vestígios e os silêncios que por eles falam. Portanto, ainda há uma gama de possibilidades e de limites a serem desvelados, não sendo as semelhanças biológicas que definem os corpos, mas

primordialmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (GOELLNER, 2007).

A escola entra em cena neste enfoque como um verdadeiro palco para apresentação dos corpos infantis erotizados e transformados pela mídia. A maioria dos educadores e pais não está preparada para lidar com este tipo de situação e, por sua vez, acabam reforçando ainda mais conceitos considerados errôneos em torno desta sexualidade distorcida, ou seja, conforme Andrade (2004, p.108) “[...] mesmo quando não se fala na escola sobre determinado assunto, este silêncio já se configura como um modo de dizer do que pensamos sobre ele; ou seja, o silêncio também educa”.

Reforçando ainda mais a ideia, Silva (2006, p.131) enfatiza que “[...] no universo cultural, a mídia produz saberes, através de pedagogias culturais, transmitindo atitudes e valores”, o que reforça os modos de ser e viver na sociedade pós-moderna.

Assim, pode-se compreender a devida importância de problematizar os conceitos gênero e sexualidade nos cursos de formação docente, principalmente no de Pedagogia e de todos os profissionais ligados à educação, pois se considera que, muitas das vezes as concepções de infância e de educação privilegiam apenas os aspectos cognitivos, afetivos e motores. Contudo, acabam deixando de lado assuntos como estes, que envolvem a sexualidade humana, e que também fazem parte do desenvolvimento infantil, sendo considerados de suma importância para o processo de desenvolvimento integral da criança (FELIPE; GUZZO, 2003).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA FORMAÇÃO DOCENTE

Portanto, este artigo indica a importância e a atualidade de todo o corpo docente, pedagogos e também interessados em educação de se pensar a mídia, em especial, a televisiva e seus múltiplos artefatos, como sendo instrumentos pedagógicos na produção dos corpos nas escolas. Devemos considerar que o material analisado traz consigo uma gama de possibilidades de análise e de crítica. No entanto, delimitou-se o estudo aos possíveis efeitos em relação às questões de gênero e sexualidade, que as Pedagogias Culturais podem exercer sobre a figura infantil.

Desta maneira, apontaram-se a necessidade de se trabalhar assuntos que envolvam a sexualidade humana nos cursos de formação docente inclusive os de Pedagogia, pois raramente estes assuntos são discutidos em todas as modalidades de ensino. Percebe-se que estas questões são tratadas de forma abrangente nos currículos, não existindo disciplinas

específicas no assunto. Com a finalidade do professor, do educador e dos pedagogos terem um embasamento que permita promover uma postura de pleno êxito do trabalho, ou seja, “o educador deve ter discernimento para não transmitir valores, crenças e opiniões como sendo princípios ou verdades absolutas” (BRASIL, 2000, p.123 *apud* RIBEIRO; REIS, 2002, p.86).

Afinal, os cursos de formação docente devem acima de tudo possibilitar conhecimentos, habilidades e atitudes que levem o professor a promover uma reflexão sobre a sua prática docente, para que o mesmo possa se tornar um profissional reflexivo e investigador e que acima de possa aprender a interpretar, compreender profundamente a realidade social e também a docência (IMBERNÓM, 2002).

Evidencia-se também que esta discussão leva a reflexão sobre a forma pela qual professores, pedagogos e educadores estão encarando as mais diversas formas de manifestações sexuais apresentadas nas escolas, que muitas das vezes acabam reforçando ainda mais preconceitos e mitos. Além de estabelecerem padrões heterossexuais normatizantes, pois sem uma devida formação o profissional acaba não se tornando um sujeito crítico e analítico acerca da realidade a qual está inserido. Isto é, “sua reflexão atravessa as paredes da instituição para analisar todos os tipos de interesses subjacentes á educação, á realidade social, com o objetivo concreto de obter a emancipação das pessoas” (IMBERNÓM, 2002, p.40).

Cabe, deste modo, ao educador obter uma boa formação para estar atento às estratégias pedagógicas utilizadas pela mídia, assim como para os significados apresentados nos corpos de alunos e alunas, afim de então poderem articular a mídia televisiva às questões como as de gênero e sexualidade. Com o intuito de a criança poder interpretar as mesmas questões de forma construtiva e não como sendo geradores de atitudes, preconceitos, mitos e tabus. Nesse caso, para que isso acabe não mais contribuindo para colonizar ainda mais o mundo infantil, dado que, se este quadro não se reverter, também acabará contribuindo para o suposto “desaparecimento da infância” (POSTMAN, 1999).

Por fim, pode-se afirmar que a análise do objeto de pesquisa encontra-se no âmbito de uma pesquisa na área educacional e social, constituindo o caminho pelo qual almejamos alcançar. Tendo em vista que educadores possam modificar seus olhares, crenças, atitudes e práticas pedagógicas, diante das transformações, principalmente aquelas produzidas pela mídia e seus aparatos midiáticos e que antes eram considerados assuntos não-escolares, as quais a figura infantil contemporânea tem sofrido ao longo de sua construção histórica e social.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia, corpo e educação: a ditadura do corpo perfeito. In: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004, p.107-120.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BACK, R. V. **Merchandising no PDV**: agregando valor ao plano de comunicação. S/d. p.1-11. Disponível em: <<www.gestaodacomunicacao.com/.../vendas_merchandisingrafael.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2011.

BARBOSA, R. C.; AGUIAR, W. Q. **Vestuário e infância**: entre as adequações e determinações sociais, 2007.p. 119-130. Disponível em: <http://fdo.palermo.edu/serviços_dyc1ena-centro2007/08_auuspicios>. Acesso em: 23 nov. 2009.

BRASIL.**Estatuto da Criança e do Adolescente**, Lei Federal nº 8069/90.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília, DF: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

CAPPARELI. S. **Novas visões sobre os direitos da infância**: Direitos das Crianças. 2011. Disponível em: <<http://www.capparelli.com.br/3.php>>. Acesso em: 25 mai. 2011.

COSTA, M. V. H. ; SILVEIRA, R. **Estudos culturais, educação e pedagogia**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03.Pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2011.

AURÉLIO, Dicionário online. **Busca pela palavra web show**. 2011. Disponível em: <<<http://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=web+show>>>. Acesso em: 06 dez. 2011.

ESPERANÇA, J. ; SOBRAL-DIAS, C. M. Das infâncias plurais a uma única infância: mídias, relações de consumo e construção de saberes. **Revistas Educação Santa Maria**, v. 33, n. 1, p. 191-206, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/ce/revista,2008/01/a12.htm>>. Acesso em: 04 abr. 2011.

_____. Mídia televisiva e culturas das infâncias: entretenimento e propaganda transformando as concepções e os modos de ser criança. **UNIrevista** (UNISINOS. Online), v.

01, p. 01-10. Disponível em: <<http://www.unirevista.unisinos.br/index.php?e=3&s=9&a=224>>. Acesso em: 04 abr. 2011.

FELIPE, Jane; GUZZO, Bianca Salazar. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo I. **Revista Pro-Posições**, v.14, n. 3(42) – set./dez de 2003, p.119-130. Disponível em: <http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/textos/42-dossie-felipej_etal.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2011.

_____. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.53-65.

FIGUEIREDO, M. S.; TOMAZETTI, E. M. **Estudos Culturais: relações entre infância, escola e mídia**. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/022e3.pdf>> Acesso em: 25 mai. 2011.

GIROUX, H. Os filmes da Disney são bons para seus filhos? In: STEINBERG, S. R.; KINCHELOE, J.L. (Orgs.) **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Trad. BRÍCIO, Japiassú. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p.87-108.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.28-40.

IMBERNÓN, Francisco. A profissão docente diante dos desafios da chamada sociedade globalizada, do conhecimento ou da informação. In: _____. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 6. ed. São Paulo, Cortez, 2006. p.36-42.

KINCHELOE, J.L. Esqueceram de mim e Bad to the Bone: o advento da infância pós-moderna. In: STEINBERG, S. R.; KINCHELOE, J.L. (Orgs.) **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Trad. BRÍCIO, Japiassú. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p.53-86.

LIMA, R. de. Para entender o pós-modernismo. 2004. p. 1-5. In: **Revista Espaço Acadêmico – Nº 35- Abril/2004- Mensal- ISSN 1519 -6186**. Disponível em: <<<http://www.espacoacademico.com.br/035/35eraylima.htm>>>. Acesso em: 04 dez. 2011.

LOURO, Guacira Lopes . Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (Org). Tradução: Silva, Tomaz Tadeu da. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.8-34.

_____. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 41-52.

MAIO, Eliane Rose. Diversidade Sexual: um espaço importante para discussões na escola. In: CARVALHO, E. J. G. de; FAUSTINO, R. C. (Orgs). **A formação de professores e intervenções pedagógicas humanizadoras**. 1. ed. Curitiba: Instituto da Memória Editora, 2010. p.203- 213.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e prática. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.9-27.

MOMO, Mariângela; NEULS, Janaina Souza. Gênero e consumo: a escola é o palco. Rio Grande do Sul: 2008. In: WOLFF, C. S.; FÁVERI, M. de; RAMOS, T. R. O. (Coord). **Seminário Internacional Fazendo Gênero 7**. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufs.br/artigos/Neuls/Momo_07_B.pdf. Acesso em: 11 mar. 2011.

PEREIRA, Elisângela da Silva Soares; et all. Mídia: culpada ou inocente ?. Campos Jaguarão, 2007. In: **XVI Congresso de iniciação científica- Pesquisa e responsabilidade ambiental/ IX Encontro de Pós Graduação**. Disponível em: www.ufpel.edu.br/cic/2007/cd/pdf/CH/CH_00971.pdf. Acesso em: 24 jul. 2011.

PIMENTA, S. G. (Org). Saberes pedagógicos e atividade docente. In: PIMENTA, S. G. **Formação de professores: identidade e saberes da docência**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p.15-34.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia,1999.

PRATES, Camille Jacques. Magias e pedagogias culturais ensinando como jovens meninas devem ser para os meninos. Florianópolis: 2008. p.1-8. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hesses; DEBUS, Eliane; COSTA, Marisa Vorraber (Coords). **Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder/ST44**. Disponível em:<http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST44/Camille_Jacques_Prates_44.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2011.

RIBEIRO, P. R. M. (Org). A orientação sexual na escola e os Parâmetros Curriculares Nacionais. In: RIBEIRO, P. R. M.; REIS, G. V. **Sexualidade e Educação Sexual: apontamentos para uma reflexão**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002.p. 81-96.

SOARES, Rosângela. Pedagogias Culturais produzindo identidades. In: BRASIL. **Educação para a igualdade de gênero**. ISSN 1982 -0283: 2008. p.47-52. Disponível em: <<tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/163222Edu_igualdade_gen.pdf. Acesso em: 06 nov. 2011.

STEINBERG, S. R.; KINCHELOE, J.L. Introdução. In: STEINBERG, S. R.; KINCHELOE, J.L. (Orgs.) **Cultura infantil**: a construção corporativa da infância. Trad. BRÍCIO, Japiassú. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 9- 52.

SANTOS, Almir Paulo dos. Reconstrução de um novo “sujeito” a partir da educação natural de Rousseau. **Revista Olhar do Professor**. Ponta Grossa, 2007. p. 195-209. Disponível em: <http://www.uepg.br/olhardeprofessor>. Acesso em: 28 abr. 2011.

_____. **O pensamento pedagógico de Rousseau e a educação Natural**. Disponível em: <http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/educacaoInfantil/pensamento_pedagogico_rousseau_educacao_%20infancia.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2011.

SABAT, Ruth Ramos. Infância e gênero: o que se aprende nos filmes infantis. **Trabalho apresentado no GT 7- Educação infantil/ 24ª Reunião anual da ANPED**. p.1-11, Out. 2001. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/anped2001.html>>. Acesso em: 24 jul. 2011.

_____. Gênero e sexualidade para consumo. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 149-159.

SANTOS, Cláudia Amaral dos. A invenção da infância generificada: pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades do gênero. **Seminário Gênero, Sexualidade e Educação Nº 23**, p.1-13, 2000, 2001, 2002; PPGDEU/UFRGS.

SILVA, Thais Coelho da. Corpos deslocados e mulheres alteradas. **Revista Olhar de Professor**. Ponta Grossa, 2006. p.131-141. Disponível em: <http://www.uepg.br/olhardeprofessor>. Acesso em: 28 abr. 2011.